

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v13i21.508>

UM CIGARRO PARA UM AMIGO: a Guerra Civil Espanhola na Imprensa Comunista Mexicana¹

A CIGARETTE FOR A FRIEND: The Spanish Civil War in the Mexican Communist Press

UN CIGARRILLO A UN AMIGO: La Guerra Civil Española en la Prensa Comunista Mexicana

FÁBIO DA SILVA SOUSA

Pós-doutorando em História e Sociedade Faculdade de Ciências e Letras,
UNESP – Univ. Estadual Paulista

Professor Adjunto A de História Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS
Nova Andradina/Mato Grosso do Sul/Brasil

fabiosilvasousa@hotmail.com

Resumo: Em 1936, eclodiu na Espanha a Guerra Civil. Esse conflito ceifou vidas, soterrou sonhos e foi uma derrota para anarquistas e comunistas. Na América Latina, o México, então governado pelo Gen. Lázaro Cárdenas, apoiou os combatentes republicanos. Além do governo, os comunistas mexicanos também se engajaram nessa Guerra. O Partido Comunista Mexicano (PCM) utilizou as páginas do periódico *El Machete* para noticiar o desenrolar do conflito e também para angariar apoio aos republicanos. Assim, o presente artigo objetiva analisar o material impresso da Guerra Civil Espanhola publicado nas páginas do *El Machete* de 1936 a 1938. Por meio de uma análise do material, serão discutidas as estratégias discursivas que o periódico comunista mexicano utilizou em sua cobertura do conflito espanhol e a imagem que ele construiu para os leitores sobre a Guerra que estava em curso do outro lado do continente latino-americano.

Palavras-chave: Imprensa Comunista. México. Espanha.

Abstract: In 1936 the Civil War broke out in Spain. Such fighting mowed down lives, buried dreams and was a defeat for anarchists and communists. In Latin America, Mexico, then, ruled by General Lazaro Cardenas, supported the Republican fighters. Besides the government, the Mexican communists also supported the war. The Mexican Communist Party (MCP) used its periodical - the *El Machete* - to report the course of the conflict and also to raise support for the Spanish Republicans. Thus, this article aims to analyze the printed material from the Spanish Civil War published on the pages of *El Machete* from 1936 to 1938. Through the analysis of the material selected, it will be discussed the discursive strategies that the Mexican Communist journal used in its coverage of the Spanish conflict and the image it has presented to its readers about the war that was taking place across the Latin American continent.

Keywords: Communist Press. Mexico. Spain.

Resumen: En 1936 estalló en España la Guerra Civil. Este conflicto se ha cobrado vidas, sueños fueron enterrados y fue una derrota para los anarquistas y comunistas. En América Latina, el México gobernado por el Gen. Lázaro Cárdenas apoyó a los combatientes republicanos. Además del gobierno, los comunistas mexicanos también participan en esa Guerra. El Partido Comunista

¹ Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2015 e aprovado para publicação em maio de 2016.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

Mexicano (PCM) utilizó las páginas del periódico El Machete para informar el curso del conflicto y también para obtener el apoyo a los republicanos. Este artículo tiene como objetivo analizar el material de impresión de la Guerra Civil Española publicado en las páginas de El Machete, en el período de 1936 hasta 1938. A través del estudio de ese material, se discutirán las estrategias discursivas que El Machete utilizó en su cobertura del conflicto español y la imagen que se construyó para los lectores del periódico comunista mexicano de esa Guerra que estaba en marcha del otro lado del continente latino-americano.

Palabras claves: Prensa comunista. México. España.

El Ejército del Ebro
¡Rumba la rumba la rum bam bam!
Una noche el río pasó,
¡Ay, Carmela, ay, Carmela!
Y a las tropas invasoras
¡Rumba la rumba la rum bam bam!
Buena paliza les dio,
¡Ay, Carmela, ay, Carmela!
El furor de los traidores
¡Rumba la rumba la rum bam bam!
Lo descarga su aviación,
¡Ay, Carmela, ay, Carmela!
Pero nada pueden bombas
¡Rumba la rumba la rum bam bam!
Donde sobra corazón,
¡Ay, Carmela, ay, Carmela!
Contrataques muy rabiosos
¡Rumba la rumba la rum bam bam!
Deberemos resistir,
¡Ay, Carmela, ay, Carmela!
Pero igual que combatimos
¡Rumba la rumba la rum bam bam!
Prometemos combatir,
*¡Ay, Carmela, ay, Carmela!*²

Guerra Civil Espanhola: sonhos e pesadelos

Em dezembro de 1936, George Orwell – pseudônimo de Eric Arthur Blair, que posteriormente se tornaria um autor emblemático na literatura política mundial com os livros *A Revolução dos Bichos* e *1984* – desembarcou na Espanha, com o objetivo de escrever artigos destinados à imprensa de língua inglesa, sobre a guerra civil que estava em curso no país desde julho do referido ano. Após sua chegada, Orwell, cujo pensamento político

² “¡Ay, Carmela! (El Paso del Ebro)” foi uma canção popular criada no início do Século XIX pelos espanhóis que lutaram contra as tropas comandadas por Napoleão Bonaparte. Essa canção tornou-se um símbolo da resistência e da força dos espanhóis e foi retomada em 1936, no desenrolar da Guerra Civil Espanhola e tornou-se um hino da resistência dos republicanos contra as forças falangistas comandadas pelo Gen. Francisco Franco.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

conectou-se com a ideologia libertária e socialista, rapidamente, aliou-se aos combatentes republicanos e ingressou no *Partido Obrero de Unificación Marxista* (POUM) – uma das diversas organizações operárias que foram criadas na Espanha nesse período. Em pouco tempo, o jornalista inglês foi seduzido pelo clima revolucionário em Barcelona, criado por anarquistas e comunistas, evidenciado no referido trecho abaixo de suas memórias:

[...] Pela primeira vez na vida me encontrava numa cidade onde a classe trabalhadora estava no comando. Praticamente todos os prédios, do tamanho que fosse, tinham sido tomados pelos trabalhadores e estavam enfeitados com bandeiras vermelhas ou com a bandeira rubro-negra dos anarquistas; todas as paredes estavam rabiscadas com a foice e o martelo e com as iniciais dos partidos revolucionários; quase todas as igrejas tinham sido pilhadas e suas imagens queimadas [...] Tudo isso era estranho e emocionante. Havia muita coisa que eu não compreendia, e de muitas delas de certa forma nem gostava, mas reconheci imediatamente que era um estado de coisas pelo qual valia a pena lutar [...]³

As palavras de Orwell não foram lançadas ao vento. Em maio de 1937, o criador do mundo ficcional distópico governado pelo “big brother” foi atingido por uma bala perdida que lhe atravessou o pescoço e rompeu uma de suas cordas vocais. Segundo os seus biógrafos, as sequelas desse ferimento o perseguiram até o final da sua vida.

A “cidade onde a classe trabalhadora estava no comando” não encantou apenas o autor de *1984*. A Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939), que deixou um saldo de 150 mil pessoas mortas e incontáveis desaparecidos,⁴ é considerada o último conflito romântico do Século XX e angariou o apoio de diversos intelectuais ao redor do mundo. O conflito teve as suas origens em 1931, com a Proclamação da Segunda República que sepultou a ditadura de Miguel Primo de Rivera y Orbaneja (1923 – 1931). A Segunda República da Espanha, em seus primórdios de vigência, entrou em conflito com a Igreja Católica. Conventos, colégios e centros católicos foram incendiados nos primórdios do período republicano e, no início de 1932, a Companhia de Jesus foi expulsa e seus bens confiscados. A instabilidade política também foi impulsionada por levantes de orientação anarquista concentrados em diversas regiões espanholas e, em 1933, José António Primo de Rivera, filho do antigo ditador Miguel Primo de Rivera, fundou a Falange Espanhola Tradicionalista. De orientação fascista, a Falange Espanhola converteu-se em uma grande força política e opositora ao Governo Republicano.

³ ORWELL, George. *Lutando na Espanha: homenagem à Catalunha, recordando a guerra civil espanhola e outros escritos*. São Paulo: Globo, 2006. p. 28-30.

⁴ Cf. BUADES, Josep M. *A guerra civil espanhola: o palco que serviu de ensaio para a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2013.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

Um ano depois, em 1934, a região da Astúrias foi palco de um ensaio revolucionário que colocou a direita, vitoriosa das eleições gerais, contra a *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT). A crise das Astúrias uniu socialistas, anarquistas e comunistas, e foi a primeira exibição de força do Gen. Francisco Franco y Bahamonde. O futuro ditador espanhol foi incumbido pelo Governo Republicano Espanhol para solucionar o impasse na região das Astúrias, o que foi cumprido com extrema violência. Nesse cenário instável, em 1936, a Frente Popular Espanhola, cujo quadro foi composto por representantes políticos de centro-esquerda, ganhou as eleições nacionais. Com a Frente Popular no poder, a instabilidade política da Espanha elevou-se ao seu nível máximo. No mês de julho de 1936, o Gen. Francisco Franco reuniu os opositores à Frente Popular – incluindo a Falange Espanhola, defensores do retorno da monarquia, conservadores, católicos, opositores ao Comunismo, entre outros, que configuraram o *Movimiento Nacional*⁵ – e, pela região norte, iniciou um levante militar com o objetivo de derrubar o Governo Popular Espanhol e tomar o poder.

Em pouco tempo, as forças conservadoras comandadas pelo Gen. Franco, batizadas de franquistas, obtiveram diversos êxitos em sua campanha militar, o que levou, em 1937, à transferência do Governo da Frente Popular para a região de Barcelona. O ano seguinte, 1938, foi marcado pelo recuo das forças republicanas diante da intensa ofensiva das tropas franquistas. A vitória do Gen. Franco não tardou a se efetivar. Em março de 1939, os seus comandados tomaram o controle de Madrid e, no final do referido mês, os últimos redutos republicanos foram derrotados. A Guerra Civil encerrou-se em abril de 1939. Após derrotar o Governo da Frente Popular, o Gen. Franco impôs a Espanha um regime ditatorial que perdurou até a sua morte, em 1975.⁶

A derrota das forças republicanas, os intensos massacres – com destaque para o bombardeio alemão à cidade de Guernica, ocorrido em abril de 1937 – e a percepção de que a Espanha foi o palco do embate da Liberdade contra o Totalitarismo, cujo ápice eclodiu na Segunda Grande Guerra (1939 – 1945), conferiram ao conflito civil espanhol um discurso poético, como definiu Josep M. Buades: “Poucas vezes os intelectuais do mundo se mobilizaram tanto por uma causa como fizeram em relação à Guerra Civil Espanhola. Uma

⁵ Considera-se entre os membros do *Movimiento Nacional*, simpatizantes e aspirantes das ideias fascistas. Em abril de 1937 foi promulgado o *Decreto de Unificación*, com o objeto de unir toda essa pluralidade opositora da Frente Popular, e criou-se a *Falange Española de las Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista* (FET y de las JONS), que foi o partido único de apoio à ditadura franquista. Sua dissolução ocorreu em 1977, após a queda do franquismo e o início da transição democrática espanhola.

⁶ Essa descrição sucinta sobre a trajetória da Guerra Civil Espanhola foi adaptada a partir dos seguintes trabalhos clássicos: HUGH, Thomas. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, 2 volumes; GABRIEL, Jackson. *La Republica Española y la Guerra Civil*. Barcelona: Grilabo, 1977.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

aura romântica transformou o conflito em algo esteticamente atraente. Tornou-se, em muitos registros, uma guerra horrivelmente bela.”⁷ Todavia, essa interpretação idealista pode levar a equívocos de análise acerca de uma das principais causas da derrota republicana e da vitória franquista: a divisão no interior das forças populares. A principal cisão ocorreu entre os seguidores da ideologia anarquista com os comunistas que atuavam sob a chancela do *Comintern* moscovita. A união entre os correligionários das duas principais correntes ideológicas opostas ao sistema capitalista foi frutífera nos dias iniciais da eclosão do conflito espanhol. Contudo, as diferenças de pensamento entre ambos, além do gradativo distanciamento dos comunistas em apoiar as forças republicanas, por orientação de Josef Stalin, deterioraram a unidade entre os anarquistas com os comunistas. Ao analisar criticamente esse acontecimento, Eric J. Hobsbawm afirmou que o legado do conflito espanhol foi a destruição do Anarquismo e o enriquecimento dos comunistas.⁸ No que pese uma crítica quanto à contestação de Hobsbawm sobre uma “destruição” do Anarquismo, indubitavelmente, os comunistas trasladaram muito ouro da Espanha para a União Soviética Stalinista. Outros autores também procuraram apontar como a divisão entre anarquistas e comunistas enfraqueceu as forças republicanas. Um exemplo pode ser encontrado no trabalho de Hans Magnus Enzensberger. Ao realizar um estudo minucioso sobre a trajetória do anarquista espanhol Buenaventura Durruti Dumange – uma das principais personagens do conflito –, o autor afirmou que a morte do revolucionário ácrata “[...] foi o último ato na disputa entre Bakunin e Karl Marx”.⁹ Ademais dessa ruptura, outros fatores contribuíram para a derrota das forças republicanas e, novamente, Hobsbawm apresentou uma análise consistente sobre o tema:

Pois a República espanhola, apesar de nossas simpatias e da (insuficiente) ajuda recebida, travou uma ação de retaguarda contra a derrota desde o início. Em retrospecto, fica claro que isso se deveu à sua própria fraqueza. Pelos padrões das guerras do século XX, ganhas ou perdidas, a guerra republicana de 1936-9, com todo o seu heroísmo, teve um desempenho ruim, em parte porque não usou seriamente aquela poderosa arma contra forças convencionais, a guerrilha – uma estranha omissão num país que deu nome a essa forma de guerra não convencional. Ao contrário dos nacionalistas, que tinham uma direção militar e política única, os republicanos continuaram politicamente divididos, e – apesar da contribuição dos comunistas – não conseguiram formar uma vontade militar e um comando estratégicos únicos, ou só tarde demais. O melhor que se podia fazer era de tempos em tempos repelir ofensivas potencialmente fatais do outro lado, prolongando assim

⁷ BUADES, op.cit., p. 7.

⁸ HOBBSAWM, Eric J. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 80.

⁹ ENZENSBERGER, Hans Magnus. *O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 295.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

uma guerra que podia muito bem ter terminado em novembro de 1936 com a tomada de Madri.¹⁰

Um ponto essencial na análise de Hobsbawm destaca-se na “insuficiente ajuda (internacional) recebida” pelo Governo Popular Espanhol. Após a eclosão da Guerra Civil em 1936, foi celebrada em Londres, na Sociedade das Nações, a criação do Comitê de Não-Intervenção. Esse conselho foi fundado por iniciativa da França e da Grã-Bretanha, cujo principal objetivo era impedir qualquer ajuda militar e a intervenção de outros países no conflito entre os republicanos e os franquistas espanhóis. Já foi bastante trabalhado como esse Comitê falhou, uma vez que a Itália e a Alemanha tiveram um papel ativo ao lado das forças do Gen. Franco, enquanto o México – que abordaremos adiante – e a União Soviética auxiliaram as forças republicanas. A Grã-Bretanha exerceu um papel significativo no isolamento dos combatentes republicanos. Segundo Ángel Viñas, o governo britânico do Primeiro-Ministro Neville Chamberlain tinha receio em auxiliar os defensores da República Espanhola, que em suas análises, estavam próximos do Comunismo Soviético.¹¹ Apoiar, mesmo que indiretamente, o surgimento de mais um governo comunista, foi uma probabilidade que assombrou muitos países democráticos ao longo do século XX. Todavia, apesar desses entraves internacionais e burocráticos, o Governo Popular Espanhol encontrou auxílio na União Soviética e, inesperadamente, no México governado pelo Gen. Lázaro Cárdenas, como salientou Julián Chaves Palacios:

[...] Este Estado (México) confirmó esa política de ayuda desde inicios de la contienda y muy especialmente en su final, con su acogida a los exiliados, hasta el punto de que en el verano de 1940, su presidente, Lázaro Cárdenas, ante la evolución experimentada por la Segunda Guerra Mundial, cursó un mensaje al gobierno francés manifestándole que estaba dispuesto a acoger a todos los refugiados españoles residentes en suelo francés.¹²

A solidariedade internacional para com os combatentes republicanos espanhóis foi ao encontro do novo momento que o México vivenciou com a chegada ao poder do Gen. Cárdenas. Além do auxílio governamental descrito acima por Julián Chaves Palacios, os comunistas mexicanos também estenderam as mãos aos seus camaradas espanhóis, que vivenciaram um instante de sonhos que se revelaram frágeis.

¹⁰ HOBBSAWM, op.cit., p. 161.

¹¹ Cf. VIÑAS, Ángel. *La República en Guerra: contra Franco, Hitler, Mussolini y la hostilidad británica*. Barcelona: Crítica, 2012.

¹² CHAVES PALACIOS, Julián. La historiografía reciente sobre la Guerra Civil de 1936-1939 en los umbrales del nuevo milenio. *Anales de Historia Contemporánea*, Murcia, v. 16, p. 429, sep. 2000.

México: o Comunismo Asteca e a Espanha Republicana

O sexênio do Gen. Lázaro Cárdenas (1936 – 1940) representou um tempo de intensa mudança na sociedade mexicana. Nesse período, foi instaurada uma política de reforma agrária, com a distribuição de 17.890 hectares, as ferrovias e as companhias petrolíferas foram nacionalizadas e houve um incremento exponencial na política externa e nas demandas culturais.¹³ Com o impacto das reformas cardenistas, alguns autores, como Hans Werner Tobler, definiram esse período de 1936 a 1940 como a consolidação dos ideais da Revolução Mexicana de 1910.¹⁴

Os ventos das mudanças também chegaram para os comunistas mexicanos. O Partido Comunista Mexicano (PCM), fundado em 1919, desde a sua criação manteve uma relação estratégica com o governo, a qual perdurou até o final de 1928. A partir do ano seguinte, no período do *Maximato*,¹⁵ os comunistas foram duramente perseguidos pelo governo mexicano. As relações amistosas do PCM com os representantes do poder retroagiram com a subida de Plutarco Elias Calles ao poder, em 1924. O então presidente exerceu um papel conflituoso contra os comunistas, e em seu governo, ocorreram mortes não esclarecidas de líderes *vermelhos*, como foi o caso do dirigente camponês Manuel P. Montes, assassinado em um conflito obscuro com a polícia na região de San Martín Texmelucan, em agosto de 1927.¹⁶

Elias Calles deveria ser sucedido por Álvaro Obregón, o general constitucionalista que derrotou o lendário Francisco “Pancho” Villa no período armado da Revolução Mexicana. Todavia, Obregón foi morto, em julho de 1928, após um ataque suicida realizado por José de León Toral, em decorrência da crise entre católicos com o governo de Elias Calles, no conflito que ficou conhecido como Cristiada. O vácuo do poder foi preenchido por Emilio Portes Gil. Contudo, a partir desse momento, a presidência mexicana praticamente esteve no comando de Elias Calles, que, nos bastidores do poder, exerceu uma notável influência nos governos

¹³ Cf. CRIPA. Ival de Assis. *O vento das reformas: Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

¹⁴ Cf. TOBLER, Hans Werner. *La Revolución Mexicana: transformación social y cambio político, 1870-1940*. México: Alianza Editorial, 1994.

¹⁵ O Maximato durou de 1928 até 1934 e foi o período no qual Plutarco Elias Calles comandou o México através dos governos de Emilio Portes Gil (1928-1930), Pascual Ortiz Rubio (1930-1932) e de Abelardo L. Rodríguez (1932-1934). Essa conduta de Elias Calles não passou despercebida e muitos comunistas o acusaram de ser o verdadeiro governante mexicano por detrás dos presidentes que sentaram na cadeira presidencial do país asteca a partir do final do decênio de 1920. Cf. MEYER, Lorenzo; SEGOVIA, Rafael; LAJOUS, Alexandra. *Historia de la Revolución Mexicana, periodo de 1928-1934: los inicios de la institucionalización*. La política del Maximato. México: El Colegio de México, 1978.

¹⁶ PELÁEZ, Gerardo. *Partido Comunista Mexicano: 60 años de historia*. I (Cronología 1919-1968). México: Universidad Autónoma de Sinaloa, 1980. p. 28.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

posteriores. Orientado por Elias Calles, Emilio Portes Gil iniciou uma intensa repressão do movimento comunista mexicano. No início de janeiro de 1929, o comunista cubano Julio Antonio Mella, personagem emblemática da esquerda latino-americana desse período, foi morto ao ser alvejado no centro da Cidade do México. Em maio do mesmo ano, os líderes comunistas José Guadalupe Rodríguez e Salvador Gómez foram fuzilados no Estado de Durango. Em junho e agosto, também de 1929, a sede do PCM e as oficinas de seu órgão central, o periódico *El Machete*, foram destruídas pela polícia e pelo corpo de bombeiros do México. Em janeiro de 1930, antes de passar o poder ao seu sucessor, Pascual Ortiz Rubio, Portes Gil novamente agiu sob a orientação de Elias Calles e celebrou o rompimento das relações diplomáticas do México com a União Soviética. Em fevereiro de 1930, o então presidente Ortiz Rubio sofreu um atentado ao ser alvejado por Daniel Flores González, que disparou em sua direção, sem sucesso, seis tiros. Apesar da prisão do atirador, Ortiz Rubio aproveitou esse acontecimento e expulsou do México a famosa comunista italiana Tina Modotti, acusando-a de ter participado de tal ataque a sua pessoa. Esses foram alguns acontecimentos que lançaram o movimento comunista mexicano em um longo período de terror, que continuou por todo o ano de 1930, como sintetizou Gerardo Peláez:

Para el PCM, 1930 fue un año difícil. Los mítines y manifestaciones fueron reprimidos en general, se cometió el asesinato de 19 comunistas en Matamoros, La Laguna, Coahuila; fueron asaltadas las oficinas del Socorro Rojo Internacional (Sección México), del Sindicato de Panaderos de Puebla y de la Cámara del Trabajo Unitaria del DF y Valentín Campa, Rafael Carrillo, José Revueltas, Federico Camps, Miguel A. Velasco, Juan de la Cabada y muchos otros militantes sufrieron prisión, detenciones y secuestros.¹⁷

O clima repressivo continuou ao longo da presidência de Ortiz Rubio e, também do seu sucessor, Abelardo L. Rodríguez. Foi um período de intensa resistência dos comunistas do México, que somente sentiram os ventos soprarem ao seu favor quando o Gen. Cárdenas ganhou a corrida presidencial em 1934.

O novo presidente mexicano entrou em conflito com Elias Calles e anulou a política do *Maximato* que estava em curso até então. Em dezembro de 1934, o Gen. Cárdenas soltou diversos presos comunistas que estavam encarcerados nas *Islas Marías*, colocou na legalidade o PCM e o periódico *El Machete*, que até esse momento era editado clandestinamente. Dessa forma, os comunistas tiveram um espaço de intensa atuação na sociedade mexicana. Todavia, precavidos com o governo, o PCM publicou diversos artigos

¹⁷ Id. Los años de clandestinidad. In: MARTÍNEZ VERDUGO, Arnaldo (Org). *Historia del comunismo en México*. México: Ediciones Grijalbo, 1985. p. 138.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

críticos ao Gen. Cárdenas, ainda em sua campanha eleitoral, cujo ápice foi a acusação infundada de que o futuro presidente mexicano governava com uma postura fascista. Todavia, as políticas de reformas sociais, somadas ao embate que expulsou Elias Calles do México, e o estabelecimento de uma nova relação com os comunistas atenuaram a postura ofensiva do PCM que, em pouco tempo, entrou em sintonia com o governo cardenista.

Antes do período cardenista e do início da Guerra Civil, o México estabeleceu relações diplomáticas com a Espanha depois da decretação da República, seguida da queda da ditadura de Primo de Rivera em 1931. Segundo Mario Ojeda Revah, a instauração dessa nova ordem no país europeu produziu um efeito positivo nos políticos mexicanos, que celebraram com entusiasmo a experiência republicana espanhola:

Para la clase política mexicana, la República española se convirtió en una suerte de reconocimiento de la Revolución, en la medida en que siguió su ejemplo de abolición de los privilegios feudales. Distintos funcionarios y sindicalistas expresaron abiertamente su satisfacción con la transformación política española. Su entusiasmo fue correspondido por declaraciones similares por parte de homólogos españoles. Esta consideración mutua fue expresada por un gesto adicional de buena voluntad: la misión española en Ciudad de México fue elevada de legación a embajada por decreto parlamentario. El gobierno mexicano hizo otro tanto a los pocos días. La medida fue mucho más que un gesto simbólico.¹⁸

A Espanha Republicana foi o primeiro país europeu que enviou uma missão diplomática e inaugurou uma embaixada no México. A proximidade entre os dois países não foi apenas no nível simbólico, e os governos mexicanos do Maximato estabeleceram uma relação bilateral e comercial com o país espanhol. No sexênio cardenista, a relação do México com a Espanha se estreitou, principalmente com a vitória da Frente Popular Espanhola, em 1936. Todavia, como analisado por Agustín Sánchez Andrés, o conflito armado civil espanhol surpreendeu o governo do Gen. Cárdenas: “La diplomacia mexicana contempló con cierto estupor cómo la acelerada descomposición de las instituciones republicanas y la polarización de la propia sociedad española acababan desembocando en un enfrentamiento abierto”.¹⁹ O auxílio do México aos combatentes republicanos foi além da propaganda positiva e da abertura de suas fronteiras aos exilados espanhóis. Ao estudar a repercussão do conflito da Espanha na sociedade mexicana, Ival de Assis Cripta foi ao encontro de uma análise contundente realizada por Raquel Sosa, cujo estudo é comentado por ele:

¹⁸ OJEDA REVAH, Mario. *México y la Guerra Civil Española*. Madrid: Turner Publicaciones, S.L., 2004. p. 52.

¹⁹ SÁNCHEZ ANDRÉS, Agustín. El espejo invertido: las relaciones hispano-mexicanas durante la segunda República Española. In: SERRA PUCHE, Mari Carmen; MEJÍA FLORES, José Francisco; SOLA AYAPE, Carlos (Ed.). *De la posrevolución mexicana al exilio republicano español*. México: FCE; Cátedra del Exilio, 2011. p. 51.

[...] Para a autora [Raquel Sosa], assim como a República espanhola, o campo político mexicano estava polarizado: de um lado, o governo; a central sindical operária e os comunistas; do outro a oposição nacionalista; os conservadores e os proto-fascistas. Partidos em dois, sentiam-se os mexicanos como os espanhóis e perguntavam-se se seria esse seu futuro. Por isso, a vitória da República sobre o exército de Franco era importante para as forças reunidas em torno do governo Cárdenas.²⁰

Evidencia-se, pelo excerto acima, como as divisões do conflito espanhol ressoaram na bifurcação social do México cardenista. Apoiar os republicanos significou estar ao lado do Gen. Cárdenas e das frações mais progressistas da sociedade mexicana. A relação de ambos os países foi tão intensa que Cripa esboçou uma análise interessante ao afirmar que, caso os republicanos tivessem saído vitoriosos da Guerra Civil, as mudanças sociais promovidas pelo cardenismo ecoariam no país espanhol e poderiam ter ido além dos limites fronteiriços das duas nações: “Se a situação política fosse favorável aos Republicanos na Espanha, no final dos anos trinta, o vento das reformas poderia ser incessante e quem sabe sopraria em outros países da América Latina”.²¹ Todavia, o apoio do Gen. Cárdenas não ficou concentrado apenas no campo diplomático e em ações propagandísticas, pois o México forneceu armamentos para os combatentes republicanos:

Se enviaron de inmediato todas las piezas disponibles en las bodegas del Ejército mexicano e incluso se desmontaron unidades completas de artillería para llevarlas a España. Las fábricas militares mexicanas aumentaron el número de trabajadores, así como los turnos de éstos, para poder entregar más ametralladoras, fusiles y municiones. Cuando este esfuerzo resultó insuficiente, México actuó como pantalla de las operaciones secretas entre la República y otros países. Este apoyo seguiría, en diversos grados, durante todo el conflicto, dejando a México como el único proveedor de armamento fiable para la República española, aparte de la Unión Soviética.²²

A solidariedade para com os adversários espanhóis do franquismo foi mais um elemento que fortaleceu o discurso de que o Gen. Cárdenas era um presidente socialista – pejorativamente identificado como *vermelho* – e colocou o México em uma situação *sui generis* no jogo diplomático que antecedeu a Segunda Grande Guerra. Contudo, os republicanos espanhóis não tiveram a cooperação apenas do governo do México. Como já mencionado, os comunistas estiveram em sintonia com o cardenismo e também procuraram, com as suas armas e limitações, apoiar os defensores do Governo Popular Espanhol.

²⁰ CRIPA, op.cit., p. 130.

²¹ Ibid, p. 143.

²² OJEDA REVAH, op.cit., p. 139.

“¿Negarías un Cigarro a un Amigo?”: a luta antifascista e a solidariedade internacional nas páginas do *El Machete*

Os periódicos impressos políticos são uma fonte valiosa de informações, como frisou Cláudio Batalha: “Sem dúvida, a expressão mais visível da cultura operária nesse período foi a Imprensa Operária. Ela foi o principal instrumento de propaganda e debate, assumindo formas diversas: periódicos de correntes político-ideológicas [...]; jornais sindicais; publicações destinadas à classe operária em geral.”²³ No caso dos partidos comunistas, os periódicos impressos, denominados de órgãos centrais, exerceram um papel estratégico nas ações dessas agremiações políticas. Para o principal líder da Revolução Russa de 1917, Vladimir Lênin, cada partido comunista deveria ter um periódico, pois os mesmos não seriam apenas agitadores coletivos – instrumentos de propaganda e debate, como apresentado por Batalha –, mas também organizadores coletivos.²⁴ Os órgãos centrais seriam responsáveis pela publicação das resoluções dos partidos e atuantes nas denúncias das péssimas condições de trabalho da classe operária, na articulação de greves e de outras formas de protesto, entre outros. Ademais, esses impressos deveriam, principalmente, seduzir o seu leitor ideal – o operariado –, conquistar seu coração e sua mente, para que esse segmento social aderisse à ideologia soviética e ingressasse nas fileiras dos partidos comunistas de suas respectivas localidades.

Depois de sua fundação em 1919, o PCM publicou alguns periódicos impressos de curta duração, porém, a estabilidade só veio com o *El Machete*. Esse periódico foi criado em março de 1924, como publicação oficial do *Sindicato de Obreros Técnicos, Pintores y Escultores de México* (SOTPEM). Em 1925, o SOTPEM se incorporou ao PCM e o *El Machete* tornou-se o órgão central da agremiação comunista mexicana. No total, foram publicados 619 números do *El Machete*, de março de 1924 até setembro de 1938.²⁵ Nesse período de 14 anos, o periódico comunista mexicano exerceu o papel que Lênin atribuiu às publicações comunistas: foi o principal veículo de informação, de propaganda política, de recrutamento de operários e camponeses para as fileiras do PCM, e articulador das ações promovidas pelo partido na sociedade mexicana. A solidariedade internacional foi outro ponto

²³ BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p.64.

²⁴ LÊNIN, V. I. *O que fazer?*. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 127.

²⁵ SOUSA, Fábio da Silva. *El Machete e a classe operária: a imprensa comunista mexicana e brasileira (1920-1940)*. 2015. Tese (Doutorado em História e Sociedade) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2015. p. 23

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

bastante explorado nas páginas do *El Machete*, como poderemos conferir no caso da Guerra Civil Espanhola.

A primeira nota do conflito espanhol foi publicada na terceira e na quarta página do nº 426 do *El Machete*, de 27 de julho de 1936.²⁶ Intitulada “EL FACHISMO ESPAÑOL SERA VENCIDO POR EL F. POPULAR”, a nota inicia-se com um pequeno resumo da eclosão do conflito, com detalhes de como o Gen. Franco e o Gen. Emilio Mola – que posteriormente seria rival do primeiro – insurgiram-se contra o Governo Popular Espanhol. Contudo, o texto apresenta uma análise positiva da denominada “traição” conduzida por ambos os generais:

Esta traición sangrenta al pueblo español, ha servido para poner de relieve el espíritu heroico de los camaradas españoles de que tan prodigiosos ejemplos dio la Revolución de 1934. Ha servido también para unir más todavía a las grandes masas populares que integran el Frente Popular Español y estrechar los vínculos entre sindicalistas, socialistas y comunistas que, ante la amenaza facha, se han levantado como un solo hombre en defensa de la libertad y del porvenir de España.²⁷

Essa análise positiva foi o principal eixo analítico da matéria, que ainda apresentou informações sobre a participação feminina no conflito espanhol ao lado dos milicianos republicanos, e encerrou com um argumento otimista, ao afirmar que a Frente Popular Francesa, que havia vencido as eleições parlamentares ocorridas em maio de 1936, apoiaria o Governo Popular Espanhol.

A segunda matéria foi publicada no nº 428, de 1º de agosto de 1936. Nessa edição, tornou-se evidente a importância da crise espanhola, pois, logo de início, na capa foi publicada a seguinte chamada: “VENCE EL FRENTE POPULAR ESPAÑOL”, com o anúncio de que as tropas fascistas foram obrigadas a recuar diante da ofensiva republicana. Tal matéria, também dividida em duas partes, manteve a narrativa positiva a favor dos republicanos, com a revelação do apoio militar da Alemanha nazista e da Itália fascista para com as tropas franquistas. Além da matéria acima apresentada, a Guerra Civil da Espanha também recebeu uma reflexão no editorial dessa edição. Apesar da estrutura discursiva otimista em relação aos combatentes republicanos, o editorial iniciou com uma reflexão negativa, ao afirmar para o leitor que a vitória das forças franquistas representaria um perigo

²⁶ Cabe esclarecermos que essa técnica em dividir um texto em duas ou várias partes dentro da mesma publicação foi uma prática recorrente das publicações periódicas da primeira metade do Século XX. Como efeito prático, essa divisão do texto obrigaria o leitor a adquirir o exemplar do jornal caso quisesse realizar a leitura na íntegra. Posteriormente, tal técnica ficou conhecida no campo jornalístico como “iceberg”.

²⁷ EL FACHISMO español será vencido por el f. popular. *El Machete*, México, n. 426, p.3, 27 jul. 1936.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

para a União Soviética, para os regimes democráticos e para os defensores da Liberdade. Apesar de extenso, esse trecho é relevante para nossa análise:

ESPAÑA libra una lucha en la que se decide su próximo porvenir. O vence el fachismo con toda su cauda de horrores, o vencen las fuerzas de la libertad y se aumenta la potencia de las fuerzas que luchan por la paz internacional, por el mejoramiento de todos los hombres. La victoria del fachismo en España, cambiaría la correlación de fuerzas en escala internacional, en favor de las que tratan de incendiar el mundo con una nueva carnicería. El éxito del golpe de mano militar-fachista representaría el cercano estallido de la guerra mundial contra la patria socialista, la URSS y contra la Francia republicana; países circundados por dictaduras sanguinarias.

La victoria del fachismo también se reflejaría en nuestro continente, en el acrecentamiento de las fuerzas reaccionarias y pro-imperialistas. La presión internacional sobre México, se redoblaría terriblemente y seríamos forzados a una lucha desigual, extraordinariamente azarosa.

No están en juego solamente los intereses de la Revolución Española, sino la de todos los pueblos, tanto los que aun gozan de libertades democráticas, como aquellos aherrojados por los grilletes del fachismo y la reacción. De allí el enorme interés y la ansiedad con que todos los amantes de la libertad, seguimos atentos el curso de la lucha en la península.²⁸

Na análise dos comunistas mexicanos, a vitória das forças franquistas promoveria uma ofensiva contra a União Soviética e a França Republicana Popular. Destaca-se como o conflito espanhol assumiu um caráter intercontinental, como já apresentado anteriormente. Inclusive, como afirmado no trecho acima, o governo do Gen. Cárdenas seria uma vítima de pressões internacionais, em razão de suas reformas populares, caso os franquistas chegassem ao poder. Contudo, evidencia-se que essa interpretação clássica na qual a Espanha representou o embate da Democracia contra o Totalitarismo não foi realizada a posteriori, e sim, no *calor do momento*. Já Hobsbawm apresentou uma análise contrária. Para o autor, o apoio internacional (tanto para as tropas franquistas, quanto para as forças republicanas) representou as disputas ideológicas e transnacionais que os Estados vivenciaram no final da década de 1930. Todavia, efetivamente, o final do conflito espanhol, com a vitória do Gen. Franco, não repercutiu para além das fronteiras da Espanha. Ademais, Hobsbawm contestou a definição de que o franquismo seria o similar espanhol do fascismo: “Na verdade, e ao contrário das crenças da geração deste autor [Hobsbawm], a Guerra Civil Espanhola não foi a primeira fase da Segunda Guerra Mundial, e a vitória do general Franco, que, como vimos, nem mesmo pode ser descrito como fascista, não teve consquências globais”.²⁹ No entanto, os articulistas comunistas do *El Machete* enxergaram no conflito espanhol a representação dos embates ideológicos do Comunismo contra o Fascismo. Essa leitura foi defendida nas matérias

²⁸ LOS SUCESOS de España. *El Machete*, México, n. 428, p. 3, 1 agosto. 1936.

²⁹ HOBBSAWM, op. cit., p. 158.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

publicadas ao longo do ano de 1936, quando foi padrão descrever que o povo espanhol estava em luta contra o Fascismo em nível internacional. Salvador H. Nachon³⁰, em um pequeno *box*, enfatizou o caráter transnacional do conflito espanhol, denunciou aos leitores do *El Machete* o intenso bombardeio do qual os republicanos foram vitimados e conclamou o apoio dos trabalhadores mexicanos:

El heroico pueblo español bizarramente se defiende de los tentáculos con que el asqueroso y odiado pulpo del fascismo lo ha querido hacer presa para esclavizarlos; para lograr sus fines el fascismo ha contratado a sueldo, buen número de aviadores mercenarios extranjeros para asesinar de la manera más artera y cobarde al pueblo español.

[...]

Nosotros que desde el Continente Americano contémplos éste espectáculo, no podemos mirarlo con pasividad porque así lo hiciéramos, nos convertiríamos de una manera tácita, EN COMPLICES DE LOS ASESINOS DEL HERMANO PUEBLO ESPAÑOL, y, mañana cuando este pueblo fuera vencido, nuestros pueblos sería el futuro candidato a correr la misma suerte que ese heroico pueblo.

[...]

Trabajadores mexicanos, ayudemos a España que hecha para vencer a los asesinos de su pueblo, ayudémosla porque ella lucha por la causa del proletariado Universal y, porque la causa del pueblo Español, es la misma del pueblo mexicano.³¹

Mais adiante, abordaremos a solidariedade da imprensa comunista mexicana aos combatentes republicanos espanhóis. Por ora, cabe ressaltarmos que a nota de H. Nachon apresentou ao leitor do *El Machete* a informação de que as forças republicanas estavam sendo vitimadas por bombardeios perpetuados pelos fascistas e por mercenários contratados. Esse dado demonstra como o periódico do PCM estava a par dos acontecimentos sangrentos em solo espanhol. Logo nas primeiras notícias sobre a Guerra Civil, a neutralidade da Itália e da Alemanha foi colocada em xeque e detalhes específicos do conflito foram expostos em diversas matérias publicadas ao longo do ano de 1936. Infelizmente, o *El Machete* não divulgou quais eram as suas fontes informativas. Todavia, o PCM manteve um contato estreito com o Partido Comunista Espanhol (PCE) e, ao que tudo indica, os comunistas mexicanos receberam informações dos seus camaradas do outro lado do Atlântico – além dos detalhes do conflito espanhol que foram filtrados pelo *Comintern* moscovita. Contudo, o peso ideológico exerceu um papel fundamental na impressão das notícias. Desde o início do conflito espanhol, a República Popular atuou na defensiva diante da ferocidade militar das forças franquistas. Nas páginas do *El Machete*, no que pese as chamadas de solidariedade e os alertas do perigo que a vitória do Gen. Franco representaria, todas as matérias foram escritas

³⁰ Não foi possível traçar um quadro biográfico de H. Nachon.

³¹ LOS ASESINOS de España. *El Machete*, México, n. 451, p. 3, 26 dec. 1936.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

com uma estrutura narrativa de otimismo para com as forças republicanas. Por mais que o cenário apresentasse dificuldades, o periódico comunista mexicano defendeu que o Fascismo espanhol estava sofrendo diversas derrotas diante das forças dos defensores da República Popular. Nada mais distante da verdade dos fatos.

No ano seguinte, 1937, as matérias sobre a Guerra Civil Espanhola ganharam mais destaque nas páginas do *El Machete* e houve um salto de qualidade nas mesmas. As chamadas de solidariedade aumentaram, foram impressas análises densas sobre o conflito e, além disso, o periódico impresso comunista mexicano trouxe para seus leitores relatos dos próprios combatentes em solo espanhol. Nos primeiros meses, os comunistas Rafael Alberti e A. E. Reyes publicaram análises sobre os embates concentrados na região de Madrid.³² Apesar das informações minuciosas que foram publicadas, ambos os autores mantiveram a escrita positiva das ações dos milicianos republicanos e, em seus relatos, gradativamente as forças franquistas estavam “perdendo terreno” a cada batalha travada. Os articulistas comunistas mexicanos publicaram pouquíssimos informes – e com escassez de detalhes – sobre os embates que ocorreram em outras regiões da Espanha. Ressalta o fato de que a destruição da vila de Guernica – que, como mencionado, repercutiu intensamente pelo globo – não foi noticiada nas páginas do órgão central do PCM. Ao que tudo indica, os comunistas do México obtiveram informações apenas da região de Madrid, provavelmente devido ao estabelecimento de um canal de comunicação com os comunistas que estavam estabelecidos em tal localidade.

Além dos informes dos embates bélicos, o *El Machete* publicou uma variedade temática de análises do conflito civil espanhol. Como exemplo dessa assertiva, o comunista Gastón Lafarga criticou os intelectuais que apoiaram as tropas franquistas:

La intelectualidad es impresionable. Encarna los prejuicios de las clases dominantes. Frente a la finura del sentimiento, obra de la educación, trabajan como fuerzas destructoras, el aislamiento físico respecto de las masas, de sus angustias, de su miseria y de su hambre. En el caso de una guerra civil a fondo como la hispánica, capaz de transformar el panorama social de la Península, es posible que veamos con sorpresa el paso de intelectuales fascistas al buen camino y de nuestras filas huir a los médicos caros – como Marañón, - a los escritores y artistas ligados por un pasado de éxito con la nobleza y burguesía españolas.

No señalemos nada más a los intelectuales. En todo conflicto que enfrente a las clases sociales en guerra o muerte, habrá defecciones de ambos lados. Hay una línea espiritual indecisa que puede ser cruzada por los espíritus más finos y mejores en

³² DEFENSA de Madrid. *El Machete*, México, n. 455, p. 5, 23 enero 1937 e UNA VICTORIA Republicana Frente a Madrid. *El Machete*, México, n. 458, p. 3, 6 feb. 1937.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

busca de la sinceridad del pueblo, o por los espíritus menos puros, más egoístas, más ansiosos de asirse de la mano de la reacción, si la juzga en el camino de la victoria.³³

O apoio de intelectuais para com as forças republicanas já foi apresentado nas análises de Buades e Hobsbawm, além do relato de Orwell. Ao explicar sobre o caso do Dr. Gregorio Marañón, defensor das forças franquistas e um opositor da República Popular, Lafarga demonstrou como houve intelectuais que também apoiaram os sublevados comandados pelo Gen. Franco. Além do caso do Dr. Marañón, Lafarga também destacou o caso do escritor e poeta Miguel de Unamuno. Segundo a descrição da matéria, Unamuno uniu-se aos franquistas, contudo, rapidamente, arrependeu-se de tal ato, em uma entrevista concedida ao jornalista francês Georges Sadoul: “– Éstos hombres, – [Unamuno] se referia a Franco y sus secuaces – tienen sed inagotable de sangre humana. Sólo piensan en destruir, en matar. No se detienen ante nada. No se detendrán ante nada. Este fondo de barbarie los perderá [...]”.³⁴ Evidencia-se nessa matéria que, em se tratando da Guerra Civil Espanhola, não foi aceita uma atitude passiva ou “em cima do muro” dos intelectuais. A tomada de uma posição foi uma atitude essencial no campo da opinião pública. E, como não poderia deixar de ser, Lafarga assumiu o seu posicionamento, ao descrever os defensores do Gen. Franco como “espíritus menos puros, más egoístas” e os aliados dos republicanos como “espíritus más finos y mejores”.

Nas edições de 1937, o *El Machete* também trouxe os “rostos” do conflito espanhol. Enquanto no ano anterior, o órgão central do PCM publicou pequenas matérias ou notas informativas, já em 1937, além da densidade e pluralidade do conteúdo jornalístico, foram publicadas informações sobre os principais personagens republicanos da crise espanhola, como o presidente Manuel Azaña e Isidora Dolores Ibárruri Gómez, conhecida como *La Pasionaria*. Importante líder republicana e possuidora de uma forte oratória, *La Pasionaria* foi uma das principais personalidades da resistência republicana e vários de seus discursos foram publicados integralmente. Dos relatos dos combatentes, destacamos o testemunho do pintor muralista David Alfaro Siqueiros, retirado do periódico *Claridad*:

¡Qué hubiéramos dado nosotros, en Méjico, porque nuestra lucha armada revolucionaria hubiera contado con la unanimidad popular que responde en estos momentos al Gobierno de la República: Mucho después nuestra victoria militar en Méjico, nuestro Ejército seguía siendo heroico. Aquí se ha construido algo

³³ CAMBIOS en la actitud de intelectuales españoles frente a la Guerra Civil. *El Machete*, México, n. 464, p. 3, 13 mar. 1937.

³⁴ *Ibid.*

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

gigantesco y se mejora cada día organizándolo técnicamente. El problema ahora es ganar la guerra pronto¡.³⁵

Para o pintor muralista, a Revolução Mexicana de 1910 serviria de exemplo aos defensores da República Popular da Espanha, principalmente pelo intenso apoio das massas populares, composta principalmente por camponeses. Não entraremos aqui na fragilidade desse argumento de Siqueiros, que inclusive foi defendida posteriormente em suas memórias.³⁶ Contudo, chama atenção como o testemunho acima traçou um quadro positivo dos adversários do Gen. Franco. Segundo Siqueiros, a organização das forças republicanas – concentradas em Madrid – foi positiva, e a principal preocupação desses combatentes era em ganhar a guerra o mais rápido possível. Ao comparar com as análises de Madrid escritas por Rafael Alberti e A. E. Reyes evidencia-se uma linha em comum: a vitória das forças republicanas era um dado certo. Todavia, apesar do discurso positivo em comum, Siqueiros, ao contrário de Alberti e Reyes, estava *no front* de batalha, ou seja, não estava noticiando os avanços dos republicanos de fora, e sim do lado deles. Isto posto, o relato do muralista gozou de uma credibilidade que foi ao encontro das análises positivas que o *El Machete* publicou em diversos números ao longo não apenas do ano de 1937, como também de 1938. Além de Siqueiros, diversos mexicanos, assim como simpatizantes de outras nacionalidades – como o caso já citado de Orwell –, foram para a Espanha lutar contra as tropas franquistas. Porém, nem sempre com resultados positivos, como podemos conferir na matéria abaixo:

¡Los compañeros mexicanos Manuel Zavala, Ricardo Solorane, Carlos Gallo, Alejandro Franco y Socorro [ilegível], que fueron aprehendidos en el vapor “Mar [ilegível]”, están siendo juzgados por los tribunales fachistas de la Coruña. Se espera una condena de muerte para ellos.

Diversas organizaciones populares se han estado dirigiendo a la Secretaria de Relaciones Exteriores y al Embajador de México en España, pidiéndolo intervenir para salvar la vida de nuestros compañeros. Como no existen relaciones entre México y la Junta fachista de Salamanca, el alcance de las gestiones no puede ser amplio. Por esta razón deben enviarse mensajes de protesta a la Junta rebelde, pidiéndole respeto a la vida de nuestros compañeros.

No permitiremos que los verdugos españoles, se cobren con la vida de nuestros compañeros, la solidaridad que imparte nuestro pueblo al español¡³⁷

O trecho acima demonstra como as forças franquistas monitoraram o Atlântico e sentenciaram à morte os simpatizantes estrangeiros dos milicianos republicanos. Todavia, a

³⁵ Habla SIQUEIROS en España. *El Machete*, México, n. 474, p. 3, 1 mayo 1937.

³⁶ Cf. ALFARO SIQUEIROS, David. *Me llamaban el coronelazo (memorias)*. México: Biografías Ganesa, 1977.

³⁷ JOVENES MEXICANOS en peligro de ser fusilados por fachistas españoles. *El Machete*, México, n. 473, p. 6, 24 abr. 1937.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

solução proposta pelos articulistas comunistas do México evidenciou uma ingenuidade perante a crise espanhola. A Guerra Civil praticamente dividiu a Espanha em dois governos, um comandado pelo Gen. Franco e outro pelos republicanos. Diante desse quadro e do aumento do conflito bélico, o pedido do *El Machete* para que o Embaixador do México interviesse nas forças franquistas com o objetivo de libertar os seus compatriotas beirou a credulidade. A brutalidade e a violência dos franquistas, que aterrorizaram Miguel de Unamuno em seu depoimento, não abririam uma exceção e se atenuariam ao libertar os presos mexicanos. Tanto os articulistas do *El Machete* quanto o PCM não possuíam uma clareza do que realmente estava em curso na Espanha. Para encerrar, não foi publicada mais nenhuma nota ou informação sobre o assunto, e o destino dos mexicanos que estavam presos não foi revelado pelo órgão central do PCM.

Por fim, a solidariedade para com a Espanha Republicana foi intensa. Diversas organizações no México foram criadas com o objetivo de apoiar as forças republicanas – tais como a *Federación de Organismos de Ayuda a la Republica Española*,³⁸ a filial mexicana do *Servicio de Evacuación de Refugiados Españoles* (SERE), o *Comité Técnico de Ayuda a los Republicanos Españoles* (CTARE), a *Junta de Auxilio a los Republicanos Españoles* (JARE), e diversas instituições educativas foram fundadas no país asteca –, com destaque para o *Colegio Madrid*.³⁹ Além dessas associações, houve, como já mencionado, o apoio militar promovido pelo Gen. Cárdenas.

A *Confederación de Trabajadores de México* (CTM) promoveu, sem sucesso, a formação de milícias populares. Para o PCM, que apoiou essa iniciativa, as bases articuladoras dessas milícias deveriam ser compostas “por ‘um camarada do Partido, e um camarada do sindicato dos grupos camponeses e um camarada da Frente Popular’, incumbidos de vigiar as atividades dos grupos reacionários”.⁴⁰

O PCM utilizou as páginas do *El Machete* para levar a cabo as suas estratégias de apoio aos milicianos republicanos da Espanha. A primeira manifestação de apoio foi publicada em agosto de 1936. Nessa nota, os articulistas comunistas demonstraram como os seus leitores poderiam contribuir e apoiar os defensores da República Popular Espanhola:

³⁸ MEJÍA FLORES, José Francisco. La federación de organismos de ayuda a los refugiados europeos. In: SERRA PUCHE, Mari Carmen; MEJÍA FLORES, José Francisco; SOLA AYAPE, Carlos (Ed.). *De la posrevolución mexicana al exilio republicano español*. México: FCE; Cátedra del Exilio, 2011. p. 211.

³⁹ VELÁZQUEZ HERNÁNDEZ, Aurelio. El Colegio Madrid de la Ciudad de México y los organismos de ayuda a los republicanos españoles. In: SERRA PUCHE, Mari Carmen; MEJÍA FLORES, José Francisco; SOLA AYAPE, Carlos (Ed.). *De la posrevolución mexicana al exilio republicano español*. México: FCE; Cátedra del Exilio, 2011. p. 224-225.

⁴⁰ CRIPA, op. cit., p. 130.

Ya hemos informado a nuestros lectores, de los acuerdos firmados por el Sindicato de Trabajadores Ferrocarrileros y las agrupaciones de empleados en el sentido de ayudar económicamente al Frente Popular Español, cumpliendo las instrucciones de la C.T.M. Ha sido el Sindicato de Electricistas, la primera organización que ha llevado a la práctica tal acuerdo. El día 3 del corriente ha entregado al Embajador Félix Gordon Ordaz, la cantidad de mil pesos como aportación económica del Sindicato al mismo tiempo que una comunicación que contiene interesantes conceptos [...]⁴¹

Em sua comunicação, Gordon Ordaz, embaixador ou representante dos sindicatos operários do México,⁴² manifestou o apoio aos milicianos republicanos e zelou pelo comprometimento que os comunistas e os trabalhadores do México teriam com essa causa. Pelas informações da nota acima, o auxílio efetivou-se com a coleta de mil pesos, que seriam destinados aos republicanos. A arrecadação monetária foi uma prática constantemente utilizada pelos comunistas mexicanos e, no final do ano de 1936 e ao longo dos dois posteriores, 1937 e 1938, o *El Machete* publicou diversas notas e chamadas de coleta para os republicanos espanhóis. Além dessas iniciativas, artistas mexicanos também se engajaram no apoio à Espanha Republicana, no caso da cantora russa Sonia Verbitzky, que se prontificou em apresentar-se no México em um ato de apoio às crianças órfãs do conflito espanhol.⁴³ Um dos resultados dessa iniciativa foi o exílio que o Gen. Cárdenas concedeu a 500 crianças órfãs da Espanha. Segundo a nota publicada, o presidente mexicano programou uma estrutura logística para trazer essas crianças e já estaria montando alojamentos, além de instituir outras políticas para atender essas vítimas da Guerra Civil.⁴⁴ Efetivamente, esse comitê foi bastante ativo e conseguiu arrecadar uma soma importante de dinheiro que foi repassada para os combatentes republicanos, como noticiou Ramón Verduzco em uma matéria publicada no ano de 1938:

POCO más de un año lleva de vida el Comité de Ayuda a los Niños del Pueblo Español, presidido por las señoras Amalia Sciórzano de Cárdenas y Angela Azcárate de Ch. Orozco.

El Comité ha recaudado \$55.211.73 hasta noviembre último, cantidad que ya ha sido invertida en mercaderías, enviadas a España, como una muestra de alta y efectiva solidaridad de un pueblo que lucha por su liberación y por la paz mundial a una niñez que sufre en el frente antifachista.⁴⁵

⁴¹ PRIMERA AYUDA al Pueblo Español. *El Machete*, México, n. 426, p. 4, 6 agosto 1936.

⁴² Não se deve confundir e considerar o papel de Félix Gordon Ordaz como sendo o de embaixador do México na Espanha. No período analisado, tal função foi exercida por Ramón P. De Negri.

⁴³ LA AYUDA de México para los niños del gran pueblo español. *El Machete*, México, n. 453, p. 1, 9 enero 1937.

⁴⁴ AGRADECIMIENTO del Comité de Ayuda a los Niños del Pueblo Español, a Cárdenas. *El Machete*, México, n. 465, p. 03, 18 mar. 1937.

⁴⁵ EL PUEBLO de México y la Ayuda a España. *El Machete*, México, n. 515, p. 2, 12 mar. 1938.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

A participação feminina na Guerra Civil Espanhola também foi outro tema bastante abordado pelo *El Machete*. O periódico comunista mexicano publicou diversos relatos das milicianas, análises sobre o papel da mulher no conflito e muitas imagens com as mesmas em destaque. Apesar de todo o empenho, apresentado até aqui, de solidariedade patrocinada nas páginas do órgão central do PCM, os comunistas mexicanos continuaram publicando matérias de incentivo aos defensores da República Espanhola e, inclusive, utilizaram as iniciativas de outros países como uma pressão para aumentar a solidariedade dos leitores mexicanos, conforme fica evidenciado no informe abaixo sobre a criação de um Clube Feminino Antifascista na Califórnia, Estados Unidos:

En Vacaville, California, quedó constituido un Club Femenino Anti-Fachista. Estas mujeres que sienten verdaderamente la causa española se solidarizan como proletarias nacidas en la esclavitud económica, con el movimiento general Anti-fachista que se está desarrollando enormemente en todos los Estados Unidos. Debemos seguir el ejemplo de las compañeras de EE. UU. Y empezar a desarrollar una campaña a favor de España, fundando clubes Anti-fachista en todo el país. En esto deberán ser las comunistas que sean impulsoras del movimiento Anti-Fachista, pues ellas mejor que nadie podrán explicar los peligros del Fachismo y lo que implicaría una revuelta fachista para las mujeres de nuestro país. Debemos despertar en las mujeres de México la necesidad de que se organicen desde ahora contra el fachismo que aún nos amenaza [...] No debemos dejarnos sorprender y las mujeres mexicanas ayudarán a la causa Española al mismo tiempo que ayudan la nuestra.⁴⁶

Apesar do apelo da nota acima, não foi criado nenhum clube feminino antifascista no México com o mesmo modelo da Califórnia. Contudo, as comunistas mexicanas fizeram a sua parte, com organização de festas, apresentações artísticas e outras formas de arrecadação de dinheiro para a República Espanhola. Além das atividades que foram realizadas em nome da Guerra Civil da Espanha, outras manifestações patrocinadas pelo PCM também abriram espaço para a questão espanhola, como foi o caso do aniversário da Revolução Mexicana celebrado em novembro de 1936. Nessa ocasião, além de recordar seu processo revolucionário, os comunistas mexicanos aproveitaram para incrementar as chamadas de auxílio aos republicanos espanhóis e, nessa ocasião, contaram com a presença de Caridad Mercarder, uma das coordenadoras das Brigadas Internacionais. Abaixo segue um trecho da cobertura desse evento:

DOS MUNDOS FRENTE A FRENTE

⁴⁶ MUJERES Antifachistas. *El Machete*, México, n. 544, p. 4, 15 jun. 1938.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

La miliciana Caridad Mercader aborda la tribuna. En esos momentos hacen su aparición sobre el Zócalo siete escuadrillas de aviones que evolucionan a corta altura. El ruido de los motores no deja escuchar bien los discursos. La enorme masa humana, impaciente, se apretuja. La cadena que resguarda la tribuna se rompe. Da trabajo contener la avalancha. Un llamado por el micrófono hace que se restablezca la orden. Caridad se refiere al momento que vive España; habla de las dos Españas, de los dos mundos, que se enfrentan en estos momentos en la Península. Comenta emocionada cómo fueron sorprendidos en España con la magnífica y gallarda ayuda aportada por el Gobierno de Cárdenas, y cómo se respeta y se quiere allá el nombre de México y su Presidente. Refiriéndose al “Manuel Arnus” pidió la solidaridad del pueblo de México para los 180 marinos de ese barco, retenido arbitrariamente en la Habana por el déspota Batista y que están en peligro de ser entregados al fachismo español. Para terminar, Caridad Mercader hizo un llamado a las mujeres mexicanas a estar listas para acompañar a los hombres como en España, cuando llegue el momento. “La colaboración de la mujer en la lucha es indispensable – dijo – Toda Revolución necesita de apoyo de la mujer [...]”⁴⁷

Não iremos destacar os pontos que já foram analisados nas matérias anteriores. Todavía, a importância dessa manifestação está na figura de Caridad Mercader, que recebeu um espaço relevante na nota publicada no *El Machete*. Mercader na verdade era María Eustaquia Caridad del Río Hernández, apresentada como a “cabeça do desfile”. Caridad del Río foi mãe de Ramón Mercader del Río, o assassino de Leon Trotski.⁴⁸ É uma coincidência macabra que dois meses antes da chegada de Trotski ao México – no Estado de Tampico, pelo petroleiro *Rut* –, a mãe de seu futuro assassino havia se destacado nas festividades sobre a Revolução Mexicana, como uma representante da democracia e das forças de esquerda da Guerra Civil Espanhola.

No ano de 1938, o *El Machete* lançou a campanha *¿Negarías un cigarro a un Amigo?*, com o objetivo de arrecadar tabaco para enviar aos defensores da República espanhola:

Los camaradas españoles Carecen de Tabaco en las Trincheras Antífachistas

Envía una cajetilla al menos, para los Hermanos que luchan en el Frente Español contra el Fachismo!

¿Negarías un cigarro a quien da la vida por tu causa?

CAMARADA, ¿sabes tú la falta que hace un cigarro en los momentos de angustia, y de preocupación; cuando está uno sin qué hacer por largo rato? Acuérdate de estas palabras del héroe Carlos Liebknecht, cuando estaba en el Frente, en la guerra de 1914-1918: “NO HAY MEDIO DE CONSEGUIR TABACO; ESTO, SOBRE TODO, ES PENOSO, PUES EL TABACO ES LO QUE MAS ANHELAMOS [...]”.

¡LOS VALIENTES MILICIANOS ESPAÑOLES CARECEN DE TABACO! ¡A NOSOTROS NOS SOBRA!

“El Machete” acaba de organizar una gran colecta nacional de cigarros para los soldados de la República Española, desde el 15 de Enero al 1o. de Abril.

CAMARADA, ALIVIA UN POCO CON TU ESFUERZO. ¡TAN PEQUEÑO! LOS SUFRIMIENTOS DE NUESTROS HERMANOS ESPAÑOLES.

⁴⁷ CONMEMORACION popular de la revolución mexicana!. *El Machete*, México, n. 447, p. 1, 28 nov. 1936.

⁴⁸ COGGIOLA, Osvaldo. O assassinato de Trotsky à luz da história. *Revista de História*, São Paulo, n. 141, p. 109, 2. sem. 1999.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

ENVIAMOS CUANTAS CAJETILLAS PUEDas, o su importe en timbres.
 COLECTA CAJETILLAS Y PAQUETES DE CIGARROS EN TU
 SINDICATO, ENTRE TUS VECINOS, EN LA FÁBRICA, EN TODAS PARTES.
 ¡POPULARIZA NUESTRA CAMPAÑA!
 JUNTA TAMBIEN EL PAPEL ESTAÑO (plateado), DE TUS
 CAJETILLAS, Y ENVIALO.
 (LOS PRODUCTOS DE ESTA GRAN COLECTA SERAN ENTREGADOS
 EN UN ACTO PÚBLICO A LA “SOCIEDAD DE AMIGOS DE ESPAÑA”).
 (ENVIOS AL APDO. 7922. “EL MACHETE”).⁴⁹

Inicialmente, a campanha deveria encerrar-se em abril de 1938. Todavía, a iniciativa foi um sucesso e manteve-se ativa até o mês de maio. Quilos de cigarros foram enviados à redação do *El Machete* e doados aos camaradas da Espanha. Como incentivo, o órgão central do PCM publicou continuamente listas com os nomes dos indivíduos e das organizações que participaram dessa campanha. Todavía, não foram apenas os milicianos republicanos que receberam apoio do México. Houve um caso, denunciado pelo *El Machete*, de uma doação realizada em apoio às forças franquistas, ocorrida em 1936:

En Tierra Blanca se suscribieron \$1,500.00 mensuales para los traidores españoles.

Por qué encarece la vida.

TIERRA Blanca. Ver.. febrero 14. – El día 6 de lo corriente, el comerciante español, Valentín Torres, socio de la razón social Peganos y Huoo, en C. perdió una lista, en la cantina del español Ramón Álvarez. En dicha lista que pudo llegar a nuestras manos, se encontraban los nombres de los comerciantes españoles de este lugar, y cantidades con que se han cotizado, para mandar mensualmente a Franco, en apoyo de su lucha contra el pueblo español.

[...]

POR QUE ENCARECEN LUEGO LOS VIVERES

Como se ve, solamente de esta pequeña población, los fachistas españoles sacan la suma de \$1,500.00! Aparentemente, son los comerciantes quienes proporcionan esa ayuda a Franco, pero en realidad esos mil quinientos pesos, salen de los bolsillos del pueblo mexicano. Los españoles fachistas han subido arbitrariamente los precios de los víveres, al grado de que los trabajadores han trazado que prescindir de muchos de ellos que, como la manteca, constituyen verdaderos artículos de lujo.

EL CORRESPONSAL.⁵⁰

A lista publicada no *El Machete* apresenta o nome de cinco comerciantes e dos seus respectivos estabelecimentos comerciais. Segundo a nota, essas vendas inflacionaram os seus produtos, como foi exemplificado no caso da manteiga, para arrecadar fundos que seriam enviados às forças franquistas. De todas as edições do *El Machete* que foram publicadas no período do conflito espanhol, essa foi a única denuncia exposta de apoio aos adversários dos milicianos republicanos espanhóis. Contudo, esse silenciamento não significou que não houve

⁴⁹ ¿NEGARÍAS un cigarro a un Amigo?. *El Machete*, México, n. 508, p. 31, 22 enero 1938.

⁵⁰ FACHISTAS españoles que ayudan a Franco a costa de mexicanos. *El Machete*, México, n. 463, p. 4, 27 feb. 1936.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

uma corrente de solidariedade ao Gen. Franco. Ao que tudo indica, os apoiadores das forças conservadoras espanholas agiram pela sombra, pois, como já exposto, o apelo republicano tocou o coração e mente do povo mexicano, além da intensa solidariedade promovida pelo governo do Gen. Cárdenas. Aqueles que não apoiavam os republicanos eram tachados de conservadores, monarquistas e fascistas. Denominações com que muitos mexicanos no período cardenista não gostariam de ser rotulados.

Considerações parciais

[...] para uma revolução, é o começo do fim quando ela se deixa desarmar ideologicamente e tem que passar para a defensiva.⁵¹

A Guerra Civil que devastou a Espanha repercutiu intensamente no México. Como analisado ao longo do texto, tanto o governo do Gen. Lázaro Cárdenas quanto o movimento comunista mexicano e uma parcela significativa da população do país asteca, apoiaram os milicianos que lutaram contra o Gen. Francisco Franco, em defesa da Segunda República Espanhola.

Tanto para o governo cardenista quanto para os articulistas comunistas do periódico impresso *El Machete*, o conflito espanhol representou uma divisão em escala global, em que o mundo estaria dividido entre o Fascismo e os representantes da Liberdade (Comunismo, Socialismo e Democracia). Essa leitura dualista foi ao encontro das tensões que antecederam a Segunda Grande Guerra, contudo, impediu que as especificidades da crise espanhola fossem devidamente analisadas. No caso do *El Machete*, foi construída uma imagem da Espanha enquanto palco de um embate épico da Liberdade versus o Totalitarismo. O discurso foi tão intenso que para os articulistas do órgão central do PCM a derrota dos milicianos republicanos representaria o avanço do Fascismo em diversas partes do mundo, inclusive, no continente americano. Sem sombra de dúvida, tal estrutura narrativa estava em sintonia com a Ideologia Comunista da União Soviética e, apesar das informações publicadas nas edições de 1936 a 1938, a cobertura do conflito espanhol também foi utilizada como propaganda política.

O *El Machete* realizou uma análise na qual os defensores da República Espanhola eram caracterizados por adjetivos positivos e os seus críticos, com características negativas.

⁵¹ ENZENSBERGER, op.cit., p. 230.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 222 - 245. ISSN: 1808-8031

Não houve espaço para a neutralidade, e *El Machete* defendeu em diversas matérias, artigos, chamadas, entre outros, que o mexicano que se identificava com uma sociedade mais livre e igualitária deveria apoiar as forças republicanas e, conseqüentemente, o próprio PCM.

A cobertura do conflito espanhol foi direcionada e doutrinária. Em diversas matérias, os articulistas comunistas mexicanos do *El Machete* afirmaram que as notícias publicadas pelos jornais ditos burgueses – que afirmavam que as forças do Gen. Franco estavam em vantagem no conflito espanhol – eram falsas. Foi defendido que somente o órgão central do PCM publicava informações verídicas desse evento terrível, no qual eram as forças franquistas que estavam sofrendo diversos reveses. Todavia, essa parcialidade foi uma característica não apenas do *El Machete*.

Os jornais comunistas devem ser analisados mais como um veículo de propaganda ideológica e política do que como informativos que se apresentam como imparciais – discurso passível de críticas, defendido pela imprensa liberal. Para os editores desses periódicos, foi essencial criar uma linguagem de glorificação da ideologia comunista e, no caso analisado aqui, em defesa da República Espanhola. Ao insistir que os milicianos republicanos espanhóis estavam obtendo diversas vitórias, o *El Machete* afirmava a superioridade do Comunismo em oposição ao Fascismo. Essa estratégia de propaganda foi bastante ousada, pois criou uma realidade à parte e os leitores do periódico comunista mexicano não estiveram a par do que realmente estava em curso no solo espanhol. Todavia, no final da década de 1930, os comunistas, os trabalhadores e outras parcelas da sociedade mexicana acreditavam que estavam fazendo a diferença com suas diversas medidas de solidariedade. Por mais que a solidariedade, tanto da população quanto do governo asteca, tenha sido plural e intensa, a República caiu, e uma nova realidade sombria cobriu a Espanha por longas décadas. Já no México, a sociedade mudou com a intensa presença dos refugiados espanhóis.

A imagem que ficou na imprensa comunista mexicana foi a do guerrilheiro espanhol republicano entrincheirado, que cantarolava o “¡Ay, Carmela! (El Paso del Ebro)” e indagava: “¿Tienes un cigarro?”. Os comunistas mexicanos responderam afirmativamente e acreditaram que a vitória dos defensores da República estava assegurada. Foi essa mesma certeza que encantou George Orwell, quando viu a cidade de Barcelona tomada pelos símbolos da revolução operária de anarquistas e comunistas. O sonho tornou-se pesadelo e o tempo demonstrou como os comunistas do México e Orwell equivocaram-se.